

# Contemplação

Franz Kafka

## Crianças na Rua Principal

Eu ouvia as carroças passarem diante da grade do jardim, às vezes também as via pelas frestas da folhagem que se movia de leve. Como estalava no verão quente a madeira dos raios das rodas e dos varais dos carros! Os trabalhadores chegavam dos campos e riam que era uma vergonha.

Estava sentado no nosso pequeno balanço, acabava de descansar entre as árvores no jardim dos meus pais.

Diante da grade o movimento não parava. Crianças em passo acelerado surgiam e sumiam no mesmo instante; carros de trigo com homens e mulheres sobre os feixes e em toda a volta os canteiros de flores ensombrecidos; perto do anoitecer vi um senhor ir passear lentamente com uma bengala e algumas jovens que vinham de braços dados em direção contrária se desviaram para a grama do lado, cumprimentando.

Depois os pássaros ergueram voo como se fossem um chuvisco, eu os acompanhei com o olhar, vi como subiram num fôlego até não acreditar mais que eles subiam, mas sim que eu estava caindo e, segurando firme nas cordas, comecei a balançar um pouco, de fraqueza. Em breve balançava mais forte quando o sopro de ar ficou mais fresco e em lugar dos pássaros em voo apareceram as estrelas trêmulas.

Serviram-me o jantar à luz da vela. Muitas vezes estive com os dois braços sobre o tampo de madeira e já cansado mordi meu pão com manteiga. As cortinas fortemente vazadas inflavam ao vento morno e às vezes alguém que passava fora as prendia nas mãos quando queria falar comigo. Em geral a vela se apagava logo e na escura fumaça ainda circulavam algum tempo os enxames de moscas. Se da janela alguém me fazia uma pergunta, eu olhava como se fosse para as montanhas ou simplesmente para o ar e ele também não se mostrava muito interessado numa resposta.

Se depois um deles saltava sobre o parapeito da janela e anunciava que os outros já estavam em frente à casa, eu naturalmente me levantava suspirando.

— Por que está suspirando tanto? O que foi que aconteceu? Uma infelicidade especial, para sempre irreparável? Não podemos nunca nos recuperar dela? Está tudo realmente perdido?

Nada estava perdido. Corremos em frente à casa. “Graças a Deus, finalmente vocês estão aqui!” — “Você sempre chega atrasado!” — “Atrasado, eu?” — “Você mesmo, fique em casa, se é o que está querendo.” — “Não quero concessões.” — “O quê? Concessões? Que maneira de falar é essa?”

Trespasamos o anoitecer com a cabeça. Não havia hora do dia e da noite. Ora os botões dos nossos coletes esfregavam uns nos outros como dentes, ora corríamos numa distância estável, o fogo na boca, como animais nos trópicos. Como soldados de couraça nas guerras antigas, batendo os pés e saltando alto, impelimos uns aos outros pela curta ruela abaixo e com esse embalo nas pernas continuamos subindo a rua principal. Alguns entraram na valeta da rua, mal desapareceram diante do talude escuro já estavam em cima, no caminho do campo, como pessoas estranhas olhando para baixo. “Desçam!” — “Subam primeiro!” — “Para nos atirarem aqui embaixo? Estão pensando que nós somos tão bobos assim?” — “Tão covardes assim, é o que estão querendo dizer. Venham, venham!”

— “É mesmo? Vocês, logo vocês, vão nos atirar para baixo? Não se enxergam?”

Atacamos, levamos golpes no peito, caímos voluntariamente na grama da valeta. Estava tudo igualmente aquecido, não sentíamos nem calor nem frio na grama, ficávamos apenas cansados.

Virando-se para o lado direito, a mão sob a orelha, dava vontade de dormir. Mas o que na verdade se queria era erguer-se de novo, o queixo levantado, para no entanto se cair outra vez numa valeta mais funda. Depois, o braço projetado de través, as pernas oblíquas, queríamos nos lançar contra o vento e com certeza cair novamente num fosso mais fundo ainda. E não se queria de modo algum parar com isso.

Como na última valeta seria possível estirar-se ao máximo, sobretudo os joelhos — nisso ainda mal se pensava e ficava-se deitado de costas, como um doente, propenso a chorar. Piscava-se quando um jovem, as mãos nos quadris, pulava do talude para a rua, sobre nós, com as solas escuras.

Já se via a lua a uma certa altura, um carro do correio passava na sua luz. Por toda parte erguia-se um vento fraco, nós o sentíamos até na valeta, e nas proximidades a floresta começava a rumorejar.

“Onde vocês estão?” — “Venham para cá!” — “Todos juntos!” — “Por que você está se escondendo, deixe de bobagem!” — “Não sabem que o correio já passou?” — “Não é possível, já passou?” — “Naturalmente, passou enquanto você dormia.” — “Dormia, eu? Ora essa!” — “Fique quieto, ainda se vê que você estava dormindo.” — “Faça o favor de parar com isso.” — “Venham!” Corremos juntos, mais perto uns dos outros, alguns estenderam as mãos aos demais, não se podia manter a cabeça suficientemente alta porque o caminho era uma descida. Alguém deu um brado de guerra de índio, sentimos nas pernas um galope forte como

nunca, nos saltos o vento nos suspendia pelos quadris. Nada poderia nos deter; estávamos numa corrida tal que mesmo na hora de ultrapassar éramos capazes de cruzar os braços e olhar calmamente em volta.

Estacamos na ponte da torrente; os que tinham corrido à frente voltaram. Embaixo a água batia nas pedras e raízes como se já não fosse tarde da noite. Não havia motivo para que alguém não se atirasse por cima do parapeito.

Detrás da mata, à distância, saiu um trem de ferro, todos os vagões iluminados, as janelas de vidro sem dúvida descidas.

Um de nós começou a cantar uma cantiga de rua, mas todos nós queríamos cantar. Cantamos muito mais rápido do que o trem corria, balançávamos os braços porque a voz não bastava, formamos com as nossas vozes uma confusão na qual nos sentíamos bem. Quando se mistura a própria voz com outras fica-se preso como que por um anzol.

Assim cantamos, a floresta às nossas costas, nos ouvidos dos longínquos viajantes. Na aldeia os adultos ainda estavam acordados, as mães preparando as camas para a noite.

Já era hora. Beije quem estava a meu lado, aos três próximos apenas estendi as mãos, comecei a fazer o caminho de volta correndo, ninguém me chamou. No primeiro cruzamento, onde eles não podiam mais me ver, dobrei a esquina e corri outra vez pelas trilhas do campo para a floresta. Eu queria ir para a cidade do sul da qual se diz em nossa aldeia:

“Lá existem pessoas — imaginem! — que não dormem!” “E por que não?”

“Porque não ficam cansadas.”

“E por que não?”

“Porque são loucas.”

“Então os loucos não ficam cansados?”

“Como é que os loucos poderiam ficar cansados?”

## **Desmascaramento de um Trapaceiro**

Finalmente, cerca de 10 horas da noite, em companhia de um homem que eu já conhecia antes, mas só de passagem, e que dessa vez se juntara a mim de repente e durante duas horas me fizera dar voltas pelas ruas, cheguei diante da casa senhorial à qual tinha sido convidado para uma reunião.

— Muito bem — disse eu batendo palmas em sinal da necessidade absoluta de uma despedida.

Já havia feito algumas tentativas menos claras nesse sentido. Estava completamente cansado.

— Vai subir já? — perguntou ele.

Ouvi em sua boca um ruído semelhante ao de dentes batendo uns contra os outros.

— Sim.

Eu tinha sido de fato convidado — isso eu lhe disse logo. Mas convidado para subir lá onde já estaria com o maior prazer, e não para permanecer aqui embaixo, diante do portão, olhando rente às orelhas de quem se postava à minha frente. E ainda mais para agora ficar mudo com ele, como se tivéssemos decidido fazer uma longa estada neste lugar. Começaram logo a participar desse silêncio as casas em torno e a escuridão sobre elas até as estrelas. E os passos de pedestres invisíveis, cujos caminhos não havia vontade de adivinhar, o vento que se espremia sem cessar no lado oposto da rua, um gramofone que cantava de encontro às janelas fechadas de algum quarto — todos faziam-se escutar a partir desse silêncio, como se desde sempre e para sempre ele fosse sua propriedade.

E meu acompanhante se adaptava em seu próprio nome e — após um sorriso — em meu nome também, esticando para o alto, ao longo do muro, o braço direito, reclinando nele o rosto, os olhos cerrados.

Mas esse sorriso eu já não enxerguei até o fim, pois a vergonha me fez virar de repente. Só nesse sorriso, portanto, eu havia reconhecido que ele era um trapaceiro e nada mais. £ no entanto eu já estava nesta cidade fazia meses, julgara conhecer a fundo esses embusteiros — como eles à noite vêm das travessas ao nosso encontro, os braços estendidos de donos de hospedaria, como eles se colam à coluna de cartazes perto da qual estamos, à maneira de um jogo de esconde-esconde, e emergem por trás dela espionando no mínimo com um olho; o modo como eles, nos cruzamentos de rua, quando ficamos receosos, de súbito pairam diante de nós sobre a quina da nossa calçada!

Eu os compreendia tão bem, na verdade eles tinham sido meus primeiros conhecidos da cidade, em pequenas tavernas; a eles devia o primeiro relance de uma intransigência que agora eu podia abstrair tão pouco da terra que já começava a senti-la em mim. Como eles prosseguiram à nossa frente mesmo quando se havia fugido deles fazia muito, muito tempo, quando portanto fazia muito tempo que não existia mais nada para fisgar! Como eles não se sentavam, como não caíam, mas fitavam com olhares que, embora à distância,

continuavam a convencer! E seus meios eram sempre os mesmos: plantavam-se à nossa frente da maneira mais ampla possível, buscavam nos impedir de chegar aonde pretendíamos e como compensação nos preparavam uma morada no seu peito; e, se no final se encapelava em nós o sentimento acumulado, eles o tomavam por abraço ao qual se atiravam, o rosto à frente.

E esses velhos truques dessa vez eu só reconheci depois de um longo contato. Esfreguei com força as pontas dos dedos umas nas outras para varrer de mim o vexame.

Mas aqui o homem se inclinava como antes, ainda se considerava capaz de um golpe e a satisfação com o próprio destino lhe avermelhava a face livre.

— Pego em flagrante! — eu disse batendo-lhe de leve no ombro.

Depois subi correndo a escada e na antessala lá em cima os rostos fiéis, tão sem fundamento, dos criados me alegraram como uma bela surpresa. Olhei para todos, um após o outro, enquanto eles me despiam o casaco e tiravam o pó das minhas botas. Respirando fundo, o corpo aprumado, entrei então na sala.

## O Passeio Repentino

Quando à noite parece ter-se tomado a decisão definitiva de permanecer em casa, vestiu-se o roupão, depois do jantar ficou-se sentado à mesa iluminada, às voltas com aquele trabalho ou jogo ao término do qual habitualmente se vai dormir, quando lá fora há um tempo inamistoso que toma natural permanecer em casa, quando já se passou tanto tempo quieto à mesa que ir embora teria de provocar espanto geral, quando até as escadas já estão escuras e a porta do prédio fechada, e quando apesar disso tudo, num mal-estar repentino, fica-se em pé, troca-se o roupão, surge-se imediatamente vestido para ir à rua, se esclarece que é preciso sair, faz-se isso depois de breve despedida, acreditando-se ter deixado maior ou menor irritação conforme a rapidez com que se bate a porta do apartamento, quando se está de novo na rua com membros que respondem com uma mobilidade especial a essa liberdade já inesperada que lhes foi conseguida, quando se sente, através dessa decisão, concentrada em si mesmo toda a capacidade de decidir, quando se reconhece com um senso maior que o comum que se tem mais energia do que necessidade de produzir e suportar a mais rápida das mudanças, e quando assim se vai às pressas pelas longas ruas — então por essa noite está-se totalmente desligado da família, que desvia de rumo para o inessencial enquanto, firme de alto a baixo, os contornos com as linhas carregadas, dando tapas na parte traseira das coxas, ascende-se à sua verdadeira estatura.

Tudo fica mais reforçado quando, a essa hora tardia da noite, se procura um amigo para ver como ele vai.

## Decisões

Mesmo com deliberada energia deve ser fácil levantar-se de um estado miserável. Arranco-me da cadeira, ando às pressas em torno da mesa, ponho em movimento a cabeça e o pescoço, injeto fogo nos olhos, distendo os músculos ao seu redor. Trabalho contra qualquer sentimento, saúdo A. impetuosamente se ele vier agora, tolero B. amistosamente no meu quarto e, a despeito da dor e do esforço, em casa de C. engulo tudo o que é dito em tragos largos.

Mas ainda que seja assim, a cada erro, que não pode faltar, tudo — o fácil e o difícil — vai ficar paralisado e eu precisarei girar de voltar ao ponto de partida.

Por isso o mais aconselhável de fato é aceitar tudo, comportar-se como massa inerte e no caso de se sentir atirado longe por um sopro, não se deixar seduzir por nenhum passo desnecessário, fitar o outro com olhos de animal, não sentir remorso, em suma: esmagar com a própria mão tudo o que na vida ainda resta de espectro, ou seja, aumentar a última calma sepulcral e não permitir que mais nada exista fora dela.

Um movimento característico desse estado é passar o dedo mínimo por cima das sobrancelhas.

## Excursão às Montanhas

“Eu não sei” — gritei sem som — “realmente não sei. Se ninguém vem, então é porque de fato não vem ninguém. Não fiz nenhum mal a ninguém, ninguém me fez mal algum, mas ninguém quer me ajudar. Ninguém, ninguém. Mas na verdade não é assim. Só que ninguém me ajuda — caso contrário, nada senão ninguém seria muito bom. Com o maior prazer eu faria — por que não? — uma excursão em companhia de absolutamente ninguém. É claro que para as montanhas, aonde mais? Como se apinham esses ninguém — esses numerosos braços estendidos e entrelaçados na transversal, esses numerosos pés separados por passos minúsculos!

Compreende-se que todos estejam de fraque. Vamos tão leves, o vento atravessa as fendas que nós e os nossos membros deixam abertas. Nas montanhas os pescoços se libertam. É um milagre que não cantemos.”

## A Infelicidade do Celibatário

Parece tão ruim permanecer solteiro e já velho pedir acolhida — mantendo com dificuldade a própria dignidade — quando se quer passar uma noite em companhia das pessoas, estar doente e do canto da sua cama fitar semanas a fio o quarto vazio, despedir-se sempre na porta do prédio, nunca abrir caminho para o alto da escada ao lado da esposa, ter no quarto apenas portas laterais que dão para apartamentos de estranhos, trazer numa das mãos o jantar para casa, ter de admirar os filhos alheios e não poder continuar repetindo “não tenho nenhum”, tomar por modelo, no aspecto físico e no comportamento, um ou dois celibatários das lembranças de juventude.

Assim vai ser, só que na realidade, hoje como mais tarde, ali estará o mesmo de sempre, com um corpo e uma cabeça real — ou seja, com uma testa também — para bater nela com *£* mão.

## O Comerciante

É possível que algumas pessoas tenham compaixão *cie* mim, mas eu não percebo nada. Minha pequena loja me enche de preocupações que me doem dentro da fronte e das têmporas, mas sem me oferecer a perspectiva da satisfação, pois a loja *é* pequena.

Com antecipação de horas preciso tomar providências, manter alerta a memória do empregado, advertir contra erros que eu temo e levar em conta, numa temporada, as modas da seguinte, não como elas irão dominar entre as pessoas do meu círculo, mas entre as populações inacessíveis do campo.

Meu dinheiro está nas mãos de pessoas estranhas; a situação delas não pode ser clara para mim; o infortúnio que poderia atingi-las eu não sou capaz de pressentir, como é que poderia evitá-lo? Talvez elas tenham se tornado pródigas e deem uma festa no jardim -de um restaurante e outras ainda permaneçam um pouco na festa, na sua rota de fuga para a América.

Quando pois ao anoitecer de um dia útil a loja *é* fechada e de repente vejo diante de mim horas nas quais não poderei trabalhar *cm* nome das necessidades ininterruptas da minha loja, minha excitação — despachada de manhã, previamente, para bem longe — irrompe em mim como a maré que retorna, mas não se detém e me arrasta consigo sem objetivo.

No entanto não tenho de modo algum a capacidade de usar esse humor e só posso ir para casa, pois tenho o rosto e as mãos sujos e suados, a roupa coberta de nódoas e pó, o boné de serviço na cabeça e as botas arranhadas pelos pregos dos caixotes. Caminho então como sobre ondas, estalo os dedos das duas mãos e acaricio o cabelo das crianças que vêm em minha direção.

Mas o caminho *é* curto demais. Logo estou *cm* minha casa, abro a porta do elevador e entro.

Vejo agora que de repente estou só. Outros, que têm de subir pelas escadas, cansam-se um pouco ao fazê-lo, precisam esperar com os pulmões respirando às pressas, até que venham abrir a porta do apartamento, nesse momento eles têm um motivo para irritação e impaciência, entram então na antessala, onde penduram o chapéu e só quando atravessam o corredor, ao longo de algumas portas de vidro, e penetram no próprio quarto, é que estão sozinhos.

Mas estou só logo no elevador e apoiado nos joelhos olho para o estreito espelho. Quando o elevador começa a subir eu digo:

— Fiquem quietos, recuem, querem entrar na sombra das árvores, atrás dos cortinados das janelas, dentro do caramanchão?

Falo com os dentes e os corrimões da escada escorregam pelas placas de vidro leitoso Como água que se precipita.

Partam voando daqui; que as asas que eu nunca enxerguei os transportem para o vale da aldeia ou a Paris, se o impulso *é* para lá. Mas desfrutem a vista da janela quando das três ruas chegam as procissões que não se desviam umas das outras, se embaralham e deixam o espaço livre outra vez entre as últimas filas. Acenem com os lenços, fiquem horrorizados, comovidos e elogiem a bela senhora que passa. Atravessem o riacho pela ponte de madeira, acenem com a cabeça aos meninos que se banham e espantem-se com o hurra! dos mil marinheiros no navio de guerra distante. Persigam o homem insignificante e quando o tiverem atirado num vão de entrada, assaltem-no e vejam, cada qual com as mãos nos bolsos, como ele segue triste pela rua da esquerda. Galopando dispersa nos seus cavalos, a polícia refreia os animais e os força a recuar. Deixem-na, as ruas vazias a farão infeliz, eu sei. O que foi que eu disse?

— Já estão cavalgando aos pares, lentos nas esquinas e à toda nas praças.

Aí tenho de descer do elevador e mandá-lo de volta para baixo, tocar a campainha e a empregada abre a porta enquanto eu cumprimento.

## **Olhar Distraído para Fora**

O que vamos fazer nestes dias de primavera que agora chegam rápido? Hoje cedo o céu estava cinzento, mas indo-se agora à janela fica-se surpreso e se apoia a maçã do rosto no trinco.

Lá embaixo vê-se a luz do sol certamente já declinante no rosto infantil da jovem que caminha e olha em volta e ao mesmo tempo se vê sobre ele a sombra do homem que atrás dela anda mais depressa.

Então o homem já passou e o rosto da menina está completamente iluminado.

## **O Caminho para Casa**

Veja-se a força de persuasão do ar depois do temporal! Meus méritos aparecem e me arrebatam mesmo que eu não me oponha.

Eu marchando e meu ritmo é o ritmo deste lado da rua, desta rua, deste quarteirão. Sou responsável, com razão, por todas as batidas nas portas, nos tampos das mesas, por todos os brindes, pelos pares amorosos nas suas camas, nos andaimos das novas construções, nas ruas escuras onde eles se apertam de encontro aos muros das casas, nos canapés dos bordéis.

Avalio meu passado diante do meu futuro, mas considero ambos excelentes, não posso dar preferência a nenhum deles e tenho apenas de censurar a injustiça da providência que tanto me favorece.

Só quando entro no meu quarto estou um pouco pensativo, mas sem que tenha encontrado alguma coisa digna de ser pensada ao subir as escadas. Não me ajuda muito que eu abra completamente a janela e que num jardim ainda toque música.

## **Os que Passam por Nós Correndo**

Quando se vai passear à noite por uma rua e um homem já visível de longe — pois a rua sobe à nossa frente e faz lua cheia — corre em nossa direção, nós não vamos agarrá-lo mesmo que ele seja fraco e esfarrapado, mesmo que alguém corra atrás dele gritando, mas vamos deixar que ele continue correndo.

Pois é noite e não podemos fazer nada se a rua se eleva à nossa frente na lua cheia e além disso talvez esses dois tenham organizado a perseguição para se divertirem, talvez ambos persigam um terceiro, talvez o primeiro seja perseguido inocentemente, talvez o segundo queira matar e nós nos tomássemos cúmplices do crime, talvez os dois não saibam nada um do outro e cada um só corra por conta própria para sua cama, talvez sejam sonâmbulos, talvez o primeiro esteja armado.

E finalmente — não temos o direito de estar cansados, não bebemos tanto vinho? Estamos contentes por não ver mais nem o segundo homem.

## **O Passageiro**

Estou em pé na plataforma do bonde elétrico e totalmente inseguro em relação à minha posição neste mundo, nesta cidade, na minha família. Nem de passagem eu seria capaz de apontar as reivindicações que poderia fazer, com direito, na direção que fosse. Não posso de modo algum sustentar que estou nesta plataforma, que me seguro nesta alça, que me deixo transportar por este bonde, que as pessoas se desviam dele ou andam calmamente ou param diante das vitrines. É claro que ninguém exige isso de mim, mas dá no mesmo.

O bonde se aproxima de uma parada, uma jovem se coloca perto dos degraus pronta para descer. Aparece tão nítida para mim que é como se eu a tivesse apalpado. Está vestida de preto, as pregas da saia quase não se movem, a blusa é justa e tem uma gola de renda branca fina, ela mantém a mão esquerda espalmada na parede do bonde e a sombrinha da mão direita se apóia no penúltimo degrau mais alto. Seu rosto é moreno, o nariz levemente amassado dos lados termina redondo e largo. Ela tem cabelos castanhos fartos e pelinhos esvoaçando na têmpora direita. Sua orelha pequena é bem ajustada, mas por estar próximo eu vejo toda a parte de trás da concha direita e a sombra da base.

Naquela ocasião eu me perguntei: como é que ela não está espantada consigo mesma, conserva a boca fechada e não diz coisas desse tipo?

## Roupas

Muitas vezes quando vejo roupas com múltiplas pregas, babados e pingentes que se aplicam de maneira bonita sobre corpos belos, penso que elas não vão se conservar assim por muito tempo, mas ganhar dobras que não se pode mais alisar direito, recolher pó que, infiltrado nos ornamentos, não é mais possível tirar e que ninguém vai querer se tornar tão triste e ridículo a ponto de vestir todos os dias a mesma roupa preciosa pela manhã e despi-la à noite.

Vejo porém moças que são sem dúvida bonitas e ostentam músculos e ossinhos múltiplos e encantadores, pele esticada e massas de cabelo fino e que no entanto aparecem diariamente nessa fantasia natural, põem sempre o mesmo rosto nas mesmas palmas das mãos e o fazem refletir-se no seu espelho.

Mas às vezes à noite, quando elas chegam tarde de uma festa, no espelho ele lhes parece gasto, intumescido, empoeirado, já visto por todos e quase impossível de ser usado de novo.

## A Recusa

Quando eu encontro uma bela moça e lhe peço: “Por favor, venha comigo” e ela passa muda por mim, então com isso ela quer dizer:

“Você não é um duque de nome altissonante nem um vasto americano com porte de índio, olhos que pousam em sentido horizontal, a pele curtida pelo ar das pradarias e dos rios que as atravessam, você não fez viagens aos Grandes Lagos nem cruzou as suas águas, que eu não sei onde é que ficam. Pergunto então por que uma bela moça como eu deve ir com você?”

“Você se esquece que nenhuma limusine a transporta, balançando em longos impulsos pela rua; não vejo os senhores do seu séquito, apertados nas roupas, que lhe vão sussurrando bênçãos num exato semicírculo atrás de você; seus seios estão bem dispostos no corpete, mas as coxas e os quadris depois descontam por essa contenção; você está usando um vestido de tafetá com dobras plissadas, como tanto nos alegrou a todos no outono passado, e no entanto por momentos sorri — esse perigo de vida no corpo.” “Sim, nós dois temos razão e, para não ficarmos conscientes disso de uma maneira irrefutável, é preferível — não é verdade? — que cada um vá para casa sozinho.”

## Para a Meditação de Grão-Cavaleiros

Nada, pensando bem, pode induzir alguém a querer ser o primeiro numa corrida.

A glória de ser reconhecido como o melhor cavaleiro de um país é um prazer forte demais — no momento em que a orquestra dispara — para que na manhã seguinte seja possível evitar o remorso.

A inveja dos adversários, gente mais astuta, bem mais influente, tem que nos doer na estreita ala através da qual agora cavalgamos depois daquela planície que pouco antes estava vazia à nossa frente, com exceção de alguns cavaleiros arredondados que faziam carga, pequenos, contra a fímbria do horizonte.

Muitos dos nossos amigos correm para retirar o prêmio e só por cima dos ombros é que nos gritam dos guichês distantes o seu hurra!; mas os melhores amigos não apostaram em nosso cavalo, temendo que, em caso de perda, tivessem de ficar zangados conosco; agora porém que o nosso cavalo foi o primeiro e eles não ganharam nada, dão-nos as costas quando passamos e preferem olhar ao longo das tribunas.

Firmes nas selas, os concorrentes atrás de nós procuram avaliar a desgraça que os atingiu e a injustiça que de algum modo lhes foi infligida; assumem um ar bem-disposto como se fosse preciso iniciar uma nova corrida, agora séria, depois desta brincadeira de criança.

Para muitas damas o vencedor parece ridículo, porque ele se enfatua e no entanto não sabe o que fazer com os eternos apertos de mão, continências, mesuras e cumprimentos à distância, enquanto os vencidos mantêm a boca fechada e, absortos, dão palmadas nos pescoços dos seus cavalos, que na maioria relinham.

Finalmente do céu que ficou turvo começa a chover.

## A Janela da Rua

Quem vive isolado e gostaria de vez em quando de estabelecer contato em algum lugar, quem quer ver, sem mais, um braço qualquer no qual possa se apoiar, levando em consideração as mudanças das horas do dia, das condições climáticas, das relações profissionais e coisas dessa natureza — esse não vai levar isso adiante

por muito tempo sem uma janela de rua. E se o seu estado é tal que ele não procura absolutamente nada e apenas como homem cansado — os olhos para cima e para baixo, entre as pessoas e o céu — chega peno do parapeito, não quer olhar para fora e inclina a cabeça um pouco para trás, então certamente os cavalos lá embaixo o arrastam no seu cortejo de carruagens e rumor e com isso, finalmente, ao encontro da concórdia humana.

## Desejo de se Tornar índio

Se realmente se fosse um índio, desde logo alerta e, em cima do cavalo na corrida, enviesado no ar, se estremece sempre por um átimo sobre o chão trepidante, até que se largou as esporas, pois não havia esporas, até que se jogou fora as rédeas, pois não havia rédeas, e diante de si mal se viu o campo como pradaria ceifada rente, já sem pescoço de cavalo nem cabeça de cavalo.

## As Árvores

Pois somos como troncos de árvores na neve. Aparentemente eles jazem soltos na superfície e com um pequeno empurrão deveria ser possível afastá-los do caminho. Não, não é possível, pois estão firmemente ligados ao solo. Mas veja, até isso é só aparente.

## Ser Infeliz

Quando já havia ficado insuportável — perto do anoitecer, uma vez em novembro — e eu corria pelo tapete estreito como se fosse numa pista de cavalos, e assustado com a visão da rua iluminada dava outra vez a volta e na profundidade do quarto encontrava de novo, no fundo do espelho, um alvo recente e gritava só para ouvir o grito, ao qual nada responde e ao qual também nada retira a força do grito, que portanto ascende sem contrapeso e não pode parar mesmo quando emudece — aí então abriu-se na parede a porta, tão rápido assim porque a pressa era necessária e até os cavalos de tração lá embaixo empinavam no pavimento como animais que, as gargantas expostas, se enfurecem na batalha.

Semelhante a um pequeno espectro, uma criança saiu do corredor totalmente escuro no qual a lâmpada ainda não estava acesa e permaneceu nas pontas dos pés sobre uma tábua do assoalho que balançava imperceptivelmente. Logo ofuscada pelo crepúsculo do quarto ela quis tapar o rosto com as mãos, mas se acalmou de repente ao fitar a janela diante de cuja cruz finalmente se imobilizava o vapor lançado ao alto pela iluminação de rua. Com o cotovelo direito apoiado na parede do quarto ela se mantinha ereta diante da porta aberta e deixava a corrente de ar deslizar ao longo das articulações dos pés, do pescoço e também das têmporas.

Olhei um pouco naquela direção, depois disse “boa tarde” e tirei meu paletó da grade da lareira, porque não queria ficar ali meio nu. Por um instante conservei a boca aberta para que a comoção me deixasse pela boca. Tinha a saliva grossa, no rosto tremiam-me os cílios, em suma não me faltava nada senão essa visita que no entanto era esperada.

A criança ainda continuou no mesmo lugar, conservava a mão direita apertada contra a parede e, as faces inteiramente vermelhas, não se cansava de ver que a parede pintada de branco era asperamente granulada e raspava nela a ponta dos dedos. Eu disse:

— Quer realmente vir à minha casa? Não é um engano? Nada mais fácil que um engano num prédio tão grande. Eu me chamo Fulano de tal, moro no terceiro andar. Sou mesmo aquele a quem quer visitar?

— Calma, calma — disse a criança por cima do ombro. — Está tudo certo.

— Então entre mais no quarto, eu gostaria de fechar a porta.

— Fechei a porta agora mesmo. Não se dê ao trabalho. O importante é que se acalme.

— Não fale em trabalho. Mas neste corredor mora uma porção de gente, naturalmente são todos meus conhecidos; a maioria chega agora das lojas; se ouvem alguém falando num quarto, simplesmente julgam ter o direito de abrir a porta para ver o que está acontecendo. Assim são as coisas. Essas pessoas já deixaram para trás o trabalho do dia; a quem se submeteriam, na liberdade provisória do anoitecer? Aliás, você também sabe disso. Deixe-me fechar a porta. Mas o que é isso? O que **há** com você? Por mim o prédio inteiro pode entrar. Além do mais repito: já fechei a porta, julga que só você pode fechar a porta? Já fechei até à chave.

— Então está bem. Mais eu não quero. Nem precisava fechar à chave. E agora fique à vontade, já que está aqui. Você é hospede. Confie plenamente em mim. Acomode-se sem medo. Não vou forçar que fique nem que vá embora. Preciso dizer isso? Conhece-me tão mal?



— Não. Realmente não precisava dizer isso. Sou uma criança; por que tanta cerimônia comigo?

— Não é nada grave. Naturalmente, uma criança. Mas não tão pequena. Já está bem crescida. Se você fosse uma jovem, simplesmente não poderia ficar fechada num quarto comigo.

— Quanto a isso não temos que nos preocupar. Eu só queria dizer que o fato de conhecê-lo tão bem me protege pouco — apenas o alivia de me falar alguma mentira. Mas ainda assim me faz elogios. Deixe disso, eu lhe peço, deixe disso. De mais a mais eu não o conheço em tudo e por todos os ângulos, especialmente nesta escuridão. Seria melhor que acendesse a luz. Não, é melhor não. De qualquer maneira vou registrar que já me ameaçou.

— Como? Eu ameacei? Mas por favor! Estou muito contente por você estar finalmente aqui. Digo “finalmente” porque já é tão tarde. É incompreensível que você tenha vindo tão tarde. Mas é possível que na alegria eu tenha me atrapalhado tanto ao falar, que você me entendeu exatamente desse modo. Admito dez vezes que falei assim — sim, ameacei de tudo o que você quiser. — Não, nada de discussão, pelo amor de Deus. — Mas como pôde acreditar nisso? Como pôde me magoar tanto? Por que estragar à força este pequeno instante da sua presença aqui? Um estranho seria mais amável que você. Creio que sim; não foi uma revelação. Por minha própria natureza estou tão próximo a você quanto um estranho pode ser amável. Você também sabe disso, por que a tristeza, então? Diga que está querendo fazer comédia que eu vou embora neste instante.

— Atreve-se a dizer isso também? É um pouco ousado demais. Afinal você está no meu quarto. Raspa os dedos loucamente na minha parede. Meu quarto, minha parede! Além do que, aquilo que você diz não é só atrevido, é ridículo. Diz que a sua natureza obriga a falar comigo dessa maneira. É mesmo? Sua natureza obriga? É gentil da parte da sua natureza. Sua natureza é a minha e se pela minha própria natureza eu me comporto amavelmente com você, então você não pode agir de outra maneira.

— Isso é amável?

— Estou falando de antes.

— Você sabe como vou ficar mais tarde?

— Não sei de nada.

E fui até a mesinha de cabeceira, sobre a qual acendi a vela. Naquele tempo eu não tinha gás nem luz elétrica no meu quarto. Fiquei sentado um momento junto à mesinha até que me cansei, vesti o sobretudo, apanhei o chapéu no canapé e soprei a vela. Ao sair tropecei na perna de uma cadeira.

Encontrei na escada um inquilino do mesmo andar.

— Vai sair outra vez, tratante? — perguntou ele, descansando nas pernas estendidas sobre dois degraus.

— O que posso fazer? — perguntei. — Tenho agora um fantasma no meu quarto.

— Diz isso com o mesmo desagrado que teria ao encontrar um fio de cabelo na sopa.

— Está troçando comigo. Mas repare que um fantasma é um fantasma. É a pura verdade. Mas como ficam as coisas se você não crê nem um pouco em fantasmas?

— Acha então que eu creio em fantasmas? Mas de que me serve essa descrença?

— Muito simples. Você não precisa mais ter medo quando um fantasma vem realmente ter com você.

— Sim, mas na verdade esse medo é secundário. O verdadeiro medo é o medo da causa da aparição. E esse permanece. É ele justamente que está dentro de mim, em grande estilo.

De nervosismo comecei a revistar todos os meus bolsos.

— Mas uma vez que não tem medo nem da aparição, poderia tranquilamente perguntar pela sua causa!

— É evidente que ainda nunca falou com fantasmas. Deles não se pode jamais obter uma informação precisa. É um vaivém constante. Esses fantasmas parecem estar mais em dúvida acerca de sua existência que nós, o que aliás, dada a sua fragilidade, não é de causar espanto.

— Mas ouvi dizer que se pode alimentá-los.

— Está bem informado. Pode-se alimentá-los. Mas quem vai fazer isso?

— E por que não? Se for um fantasma feminino — disse e deu um impulso para o degrau de cima.

— Ah, bom — eu disse. — Mas mesmo assim nada garante.

Pus-me a pensar. Meu conhecido já estava tão alto que para me ver ele precisava se inclinar sob uma abóbada da escadaria.

— Apesar disso — bradei — se lá em cima você levar embora meu fantasma está tudo acabado entre nós, para sempre.

— Foi só uma brincadeira — disse ele recuando a cabeça.

— Então está bem — eu disse.

Agora eu poderia de fato ir passear tranquilo. Mas como estava me sentindo totalmente abandonado preferi subir e me deitar para dormir.

**Fim**